



**ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA LÉSBICAS VIVAS E VISÍVEIS: O  
AMOR ENTRE MULHERES VAI MUDAR O MUNDO**

Aos 02 dias do mês de outubro de 2023, às 19h, a **Vereadora Júlia Casamasso**, representante da **Coletiva Feminista Popular**, presidente da Audiência Pública, no uso da palavra saudou a todos dizendo o quanto aquele encontro era oportuno e relevante.

Em seguida, houve a apresentação das convidadas que comporiam a mesa da Audiência Pública, estando presentes no plenário: Dra. **Karol Cerqueira**, advogada ativista e defensora dos Direitos Humanos, militante e membro do diretório do PSB Petrópolis, membro da coordenação do Museu da Memória Negra de Petrópolis, Assessora Especial do gabinete do prefeito de Petrópolis; **Beatriz Ohana**, diretora, roteirista e instrutora de audiovisual desde 2013, diretora dos filmes: A Incrível Aventura das Sonhadoras Crianças contra a Lixeira Furada e Capitão Sujeira, Mergulhos e outros, pelos quais recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais de cinema, representante do segmento de audiovisual no Conselho Municipal de Cultura de Petrópolis; **Natalia Kleinsorgen**, jornalista, mestra e doutoranda em mídia e cotidiano pela UFF, pesquisa cobertura midiática de violências cometidas contra mulheres lésbicas, análise do discurso feminista, mídia e criminalização da pobreza, mídia e violência, teorias lésbicas e teoria feminista e **Carla Magno**, jornalista, educadora, escritora, mestre em educação pela Universidade Católica de Petrópolis e que, atualmente, trabalha em um projeto de Formação Cultural e política para adolescentes no Vale do Cuiabá e que é integrante da Coletiva Feminista Popular.

A **Vereadora Júlia Casamasso** declarou a conformidade com o Edital nº 47/2023, publicado em duas edições de jornal de grande circulação de Petrópolis e pontuou que aquele encontro estava sendo transmitido pela página da Câmara Municipal de Petrópolis, no YouTube e também pela TV Câmara, no canal 98. Continuou dizendo que, aquela sessão seria registrada, por meio de Ata, que posteriormente seria publicada na página eletrônica do Legislativo Municipal. Informou ainda que a Câmara Municipal promovia aquela audiência pública por meio da **Comissão dos Direitos da Mulher** e designou o **Vereador Léo França** para secretariar os trabalhos daquela sessão.

E assim, o **Vereador Léo França**, prosseguiu: “Boa noite a todas e todos, quero aqui dar um boa noite especial a minha amiga companheira do PSOL Júlia Casamasso, vereadora, quero dar um boa noite especial à amiga de

partido a Carol Cerqueira, quero dar um boa noite especial também a todos vocês que estão aqui com a gente participando desta audiência pública, quero dar um boa noite também a todos os servidores da Municipal, que estão conosco também. Hoje cedo, Júlia, eu fui tomar um café na Praça Dom Pedro e vieram me questionar sobre a Audiência Pública perguntando se eu iria participar. Falei, vou participar com muito orgulho, porque eu acho que a gente precisa respeitar as pessoas da forma como elas são, a gente precisa é cada vez mais estar empoderando as mulheres, a gente precisa trazer esse debate para dentro desta Casa que, infelizmente, nós somos 15 Vereadores e esse tema é trazido, constantemente, aqui pela Vereadora Júlia, por mim por mais um ou dois Vereadores e aí a gente vê que tem um grupo da elite que se nega a fazer essa discussão trazer esse assunto aqui para dentro da Câmara Municipal. Então, quero te dar os parabéns, porque você é uma Vereadora aguerrida que não foge da luta e não foge da batalha. Você todos os dias está defendendo essa causa que eu acho muito importante, então, eu acho que a gente precisa é passar, a cada vez mais, respeitar as pessoas como elas são e ver que tem certas pessoas aqui dentro da própria Câmara que foge do debate, chega ali atrás na ante sala e fica jogando as piadinhas, mas na hora de trazer o debate aqui para dentro dessa casa e, a gente, poder fortalecer cada vez mais os grupos, a gente vê que as pessoas ficam julgando para criar o caos. Vocês podem contar comigo podem contar com a Vereadora Júlia, o que for de alcance dos Vereadores, como nós encaminhamos eu e Vereadora Júlia para o gabinete do prefeito pedindo a criação do Conselho da diversidade, o que vocês quiserem trazer de pautas aqui para dentro desta Câmara vocês podem contar comigo contar com a Vereadora Júlia que nós estamos do lado de vocês. Obrigado Júlia, parabéns mais uma vez!"

Continuou a **Vereadora Júlia Casamasso**: "Obrigada, Vereador Léo França. Nós da **Coletiva Feminista Popular** estamos inteiramente comprometidas com a luta das mulheres lésbicas, a coletiva, ela é composta por mulheres lésbicas, por mulheres bissexuais e mesmo antes de assumirmos nós já sabíamos da ausência de políticas públicas para as mulheres e, ainda mais, para mulheres lésbicas e, quando assumimos, tivemos essa certeza pois nos deparamos com um cenário de total ausência de políticas públicas que pensem nas lésbicas como um grupo que possui suas vulnerabilidades e necessidades específicas. Muitas vezes é difícil caracterizar o preconceito, como no caso específico da lesbofobia, apesar de sabermos que a forma como olham para um casal de lésbicas é preconceituosa e de que as lésbicas desfeminizadas têm menos chances por exemplo de conseguir um trabalho ou terem um Bom atendimento no sistema de saúde. Os dados que caracterizam o lesbocídio dizem muito sobre o quanto esse crime é um crime de ódio e é um instrumento para "corrigir" as mulheres. 70% dos assassinatos acontecem em locais públicos, 80% por homens e 40% são desconhecidos. Muitas vezes é difícil caracterizar

a motivação do crime, mas sempre é um ato de ódio que encontra amparo social na lesbofobia e na misoginia estrutural da nossa sociedade patriarcal que autoriza a morte de qualquer mulher. Os homens possuem autorização para matar mulheres, apenas pelo fato de serem mulheres e quando se trata de lésbicas, o ódio fica ainda mais evidente, pois são mulheres que não vivem a função de nenhum homem. O caráter revolucionário que é mulheres que priorizam mulheres, que amam mulheres, pois nós fomos criadas para servir homens e odiar as nós mesmas e, quando isso não acontece, o ódio destinado a nós se potencializa eu digo isso para que a gente tenha alguma clareza de que a Lei penal não será capaz de extinguir a misoginia, a lesbofobia e o lesbocídio na nossa sociedade. Nós precisamos ser capazes de transformar a sociedade para que um dia de fato não seja mais aceitável violentar mulheres e para que mulheres lésbicas sejam de fato respeitadas. Por esses e vários outros motivos que vamos discutir, na noite de hoje, a importância das lésbicas terem o seu espaço de organização dentro da luta Feminista. Esse é um caminho longo, afinal, nós ainda vivemos sobre a heterossexualidade compulsória que serve ao capitalismo. Nós chamamos esta Audiência: "Vivas e Visíveis, O Amor entre Mulheres Vai Mudar o Mundo", que era para ter acontecido ainda em agosto, o mês da visibilidade lésbica, mas devido ao falecimento do ex- Vereador Maurinho Branco tivemos que adiar. Fico muito feliz que essa audiência esteja acontecendo agora, pois estamos aqui para ser ferramenta para as pautas que realmente importam e que merecem o nosso olhar para, realmente, fazer a diferença na sociedade e o nosso objetivo é construir políticas públicas que vão ao encontro das necessidades da população lésbica da cidade de Petrópolis. Nós protocolamos, no mês de agosto, 4 (quatro) PLs visando contemplar a comunidade lésbica petropolitana: o dia municipal da visibilidade lésbica a ser comemorado no dia 29 de agosto entrando, assim, no calendário municipal; protocolamos também, o dia municipal de enfrentamento ao lesbocídio, dia 21 de setembro e essa data foi escolhida especificamente, pois duas mulheres foram vítimas de lesbocídio a Mayrielle Bandeira e a Emily Martins e o assassino confessou a motivação da Morte era lesbofobia; nós protocolamos também, um PL, que se intitula Vivas e Visíveis para que possamos ter as estatísticas das mulheres lésbicas, no nosso município, porque a gente sabe que só dá para fazer política pública pensar e elaborar políticas de enfrentamento ao preconceito tendo dados reais e nós não temos esses dados; e, por último, nós fizemos um Projeto de Lei para contemplar a parte da saúde das mulheres lésbicas que dispõe sobre a implementação de medidas voltadas ao atendimento de saúde exames e vacinação de mulheres lésbicas e bissexuais, sabendo da dificuldade que existe para que as mulheres consigam ter acesso ao sistema único de saúde e sejam contempladas dentro da sua necessidade, então, fizemos esses 4 (quatro) PL's, eles estão tramitando na casa e aguardamos o dia de votação para que possamos aprová-los. Por isso, estamos aqui hoje, sem mais



delongas, estou ansiosa para ouvir as mulheres que estão aqui neste dia para que a gente possa pensar juntas em estratégias que possam ampliar as políticas públicas para as mulheres lésbicas de Petrópolis”.

Com a palavra a Dra. **Karol Cerqueira** prosseguiu: “Quero agradecer ao convite e a toda a disponibilidade que a **Vereadora Júlia** dispõe dos temas que são levantados principalmente em Audiências Públicas aqui na Câmara, que trazem assuntos pertinentes às nossas vidas, mulheres, mulheres lésbicas, na última vez, eu vim na audiência sobre enfrentamento à violência e é muito importante a gente perceber o quão a nossa representatividade é importante, nessas discussões, de ser chamada para esses assuntos e fazer com que a gente possa ter uma construção de diálogo, de fala. Primeiro agradecer também a presença de todo mundo que está aqui, falar também que é muito importante ver essa casa com pessoas que acreditam nessa pauta que querem realmente ouvir e discutir sobre isso. Acho que não só mulheres sapatões a gente precisa ter gente aqui também que sejam lgbs, que sejam gays, que sejam pessoas que queiram também discutir esse tema com a gente porque esse enfrentamento dentro da sigla também é muito importante, a gente, discutir isso dentro dos nossos pares e dos nossos, das pessoas que a gente tem uma pauta em comum. Quero parabenizar a fala do meu colega de partido Léo que é um homem branco, cis, hétero, mas que não tá fugindo dessa discussão, não tá fugindo desse enfrentamento também, principalmente, numa câmara machista, branca e conservadora. Parabenizar minha colega Júlia também por esse enfrentamento que tá aí falando sobre isso de uma maneira muito importante. Primeiramente, queria falar sobre a minha vivência, o meu corpo, nesse lugar. Eu sou uma mulher negra, periférica, como a Júlia disse, nascida em Duque de Caxias, colegas minhas que me conhecem já numa trajetória, Bia, Sofia, pessoas que participaram comigo de 2020, sabem da minha história da minha vivência, na luta que a gente fala é a luta da rua mesmo, do enfrentamento em todos os lugares, na escola, na vida, na construção, como adolescente, como jovem e agora na fase adulta, como mulher lésbica. Nesses lugares, como que a gente se posiciona e como que a gente vive as estratégias de sobrevivência?. Eu me formei advogada em 2015, passei pela faculdade em uma vivência, na universidade, totalmente silenciada por esse lugar de mulher lésbica, não assumi isso só assumi realmente no momento em que eu saio da faculdade em que eu enfrento algumas outras questões, principalmente, do racismo, então, a gente sabe que como é se posicionar nesse lugar, principalmente, no lugar escola, sociedade, emprego, trabalho, como uma mulher lésbica, negra e periférica e sem nenhum tipo de alicerce de construção, quem sabe, quem conhece, me conhece sabe que sou uma mulher que perdeu os pais muito cedo então vivo essa trajetória muito por mim mesmo, então, acredito que estar aqui hoje é um lugar de sobrevivência, é um lugar de estar, realmente, vencendo barreiras e obstáculos

o tempo todo. E hoje, a gente chega no sistema, como que a gente chega no sistema? Como uma mulher negra, lésbica, advogada chega no sistema? Se posicionando, nunca fugindo desse lugar de fala de tentar construir a minha vida na política, como a Júlia também disse, tentando construir garantias de direitos humanos para não só a minha representatividade, mas também para todos e todas que consigam aí ter o mínimo de dignidade na cidade. Eu sou uma pessoa deslocada, não sou daqui, sou uma pessoa de Caxias, que se criou no Estácio, no Rio de Janeiro, que vem para Petrópolis para fazer a faculdade de Direito e que encontra uma cidade totalmente reacionária ao meu corpo, a quem eu sou, desde sempre. E aí, quando a gente consegue furar uma bolha do discurso, da fala, quando você consegue, realmente, construir a sua trajetória a partir do movimento social, do movimento de rua, das políticas que a gente constrói na rua é aí que a gente consegue ver e enxergar onde que a gente quer chegar e o que que a gente quer fazer. E daí, acho que a minha trajetória ela se constrói a partir de ver o quão é difícil para mim e como que eu estou tão construída, já colocada, como todo mundo diz, você já é uma pessoa colocada na luta, você já está no sistema, então, por que que é tão difícil para mim, imagine para outros pares que não estão aí nessa construção que não conhecem os seus direitos de fato que não tem um parâmetro para se espelhar e dizer, realmente, eu tenho direitos eu posso conseguir essas coisas. Então, eu acho que é importante a gente discutir isso, como a Júlia falou o quão importante é a gente saber quem são mulheres lésbicas em Petrópolis o quão importante é a gente ter visibilidade de fato, o que é ser visível e o que é participar do processo democrático, legislativo e executivo, na cidade de Petrópolis, que é uma cidade, sim, conservadora, lesbofóbica, homofóbica, racista. A gente precisa enfrentar isso. Como que a gente pode falar de um lugar, de como que a gente se constrói, dentro da prefeitura, como é que a gente se coloca num lugar de: olha eu posso fazer mais eu posso construir isso e ter aliados também, a gente, precisa de pessoas que por mais que não sejam LGBTQs, mulheres, homens, enfim, que eles construam com a gente, porque não adianta achar que essa caminhada é só de representatividade, mas ela é de aliança também, ela é de uma construção grande ela não pode ser pautada só pela gente, as pessoas que praticam, a lesbofobia elas precisam de pessoas no sistema delas para que desconstruam isso, não é só a gente que vai conseguir desconstruir essa falha no sistema. E quando você chega lá, quando você chega num lugar de protagonismo, não só governamental, como em qualquer outra esfera, eu posso dialogar com qualquer pessoa lésbica que esteja enfrentando ou estando em algum lugar de protagonismo, essa pessoa vai ter algum diálogo sobre lesbofobia ou racismo ou misoginia, enfim, ela vai falar sobre isso de qualquer forma, então, assim como é que a gente enfrenta isso? se colocando se posicionando, mas também enfrentando junto com outras iguais e com quem tá nessa aliança com a gente para desconstruir tudo isso. A gente está colocado, na prefeitura de Petrópolis, no executivo, e a

construção fica muito por dentro da pauta de mulheres da pauta, de uma pauta de política pública, como que se constrói política pública nesse lugar sendo uma mulher negra e lésbica, e aí, a gente, tem esse lugar de poder de dizer: vai lá constrói e e faz esse diálogo com as mulheres de Petrópolis Karol, coloca essa representatividade de frente e constrói no Conselho da Mulher e faz a fala da Saúde, da Educação, do Trabalho e Renda. Precisamos de mais Karóis, né? Porque é muita coisa, mas a gente tem aliados pessoas do executivo que acreditam nessa pauta a gente construiu, nesse ano, o primeiro Centro de Saúde LGBT que está encabeçado pela Duda Balduino que é uma mulher trans, enfermeira e uma mulher que tá fazendo muita coisa importante em Petrópolis, às vezes, aquela pessoa invisível que tá ali no serviço público ela transforma vidas, transforma situações que a gente nem sabe o que tá acontecendo. E aí, a partir disso, tem o atendimento psicológico, atendimento, preventivo em mulheres lésbicas e bis também. Enfim, a gente tá fazendo um atendimento nesse lugar com representatividades, mulheres, que possam atender e entender o que a gente precisa construir pras mulheres na área da saúde. Ainda é uma caminhadinha, é um passinho, mas que tá sendo construído ainda neste ano e que tem muita coisa para crescer, a gente, também tem o centro de cidadania LGBT com a nossa querida Karine, com o Marcelo, uma pessoa que construiu isso, parte do grupo também é financiado pela Secretaria de Assistência, pago pela prefeitura, porque o governo do estado ele só implanta aquele mecanismo dentro da Prefeitura e quando eu assumi, eu fui Secretária de Assistência Social em janeiro de 2022, foi o primeiro lugar que eu quis ir, o primeiro lugar que eu quis pisar, porque era um lugar que me representava que me colocava de forma cidadã, que provavelmente estaria construindo para pessoas como eu, encontrei um lugar muito importante um lugar de construção, um lugar que eu queria equipar e que tivesse toda a dignidade e construção que pudesse ter, foram um dos primeiros diálogos que eu tive quando cheguei à Secretaria de Assistência e eu acho que é isso, quero dizer ainda mais que, as mulheres negras precisam ter um protagonismo maior no feminismo, acho que a gente precisa chegar lá primeiro. Eu vi uma frase. não sei agora qual autora, que o feminismo precisa primeiro igualar as bases com as mulheres negras para depois avançar. A gente tá aqui e as mulheres brancas ainda estão acima de nós, acima dos homens negros, então, a gente, precisa construir um feminismo que seja para todas as mulheres, todas elas, sem exceção, independente de qual seja a condição e construção que essa mulher tenha, apesar de a gente não precisar amar todas as mulheres, mas a gente precisa garantir direito para todas elas, nem sempre a gente gosta de todo mundo, eu acho que é isso, é o respeito que fornece esse lugar de estamos juntas independente de quem você seja.

Porque mulheres negras, hoje, são a base da fonte de trabalho do nosso país, é a maioria da população, são mulheres que estão à margem da sociedade, no



sentido que eu digo de trabalho, de discussão, de formação, de garantia de direito são as mulheres negras que mais sofrem violência, são as mulheres negras que passam por mais violências obstétricas, que têm mais doenças, câncer, enfim, a gente está agora no Outubro rosa e, eu vejo que, na estatística de Petrópolis, somos nós negras que estamos com câncer em Petrópolis, que temos câncer, então, assim acho que essa discussão precisa, sim, nivelar e nivelar de uma forma bem equitativa. Não é igualdade. É garantia de direitos mesmo, a gente não é igual, não somos iguais, somos diversas, como sempre dizemos temos lugares e experiências, vivências muito diferentes, mas a gente precisa igualar equitativamente a discussão, porque sem isso a gente não consegue, a gente não vai avançar, a gente tem uma frase também, que aí vou falar de Marielle que é, a revolução ela vai vir pelas mulheres negras, por que que Marielle disse isso? é só um trequinho de uma fala dela, numa roda de mulheres negras na periferia do Rio de Janeiro, porque quando uma mulher negra começa a construir qualquer coisa, principalmente, na política, ou no movimento social, a gente tem a Pâmela aqui que é uma referência hoje Nacional no enfrentamento, nas situações climáticas, enfim, aos desastres e que tá falando disso, sem nenhum custeio, só com parceria, amizade pessoas, mas quando ela se movimenta a estrutura toda do do Município de Petrópolis se movimenta, quando Karol Cerqueira se movimenta, a gente, faz coisas importantes na cidade de Petrópolis, quando eu vejo Ester Guerra, que não tá aqui hoje, que tava aqui compondo a mesa que não veio é uma mulher que desde o movimento estudantil se movimenta e quando se movimenta se movimenta de forma aguerrida, se movimenta de forma a contemplar a gente de todos os direitos, de falar de tudo, quando senta ali para falar constrói para caramba, então, assim, a gente precisa igualar esse diálogo, a gente precisa de mais mulheres negras na política, nas cadeiras no executivo, no legislativo, no judiciário, em todos os lugares, acho que é quase uma questão de reparação histórica, mas também de justiça, porque até hoje a gente não tem uma reparação da escravidão, a gente não tem uma reparação do que as mulheres negras sofrem, nesse país, dos estupros, inclusive, as mulheres negras lésbicas, no período da escravidão, isso é um dado que até hoje nós estamos sendo estupradas nesse lugar por sermos lésbicas e pretas porque o nosso corpo é totalmente descartável. Enfim, tudo isso, para dizer que eu acho que a gente tá começando fazendo uma caminhada muito bonita nessa audiência pública, iniciando um diálogo forte, um diálogo.”

Dando prosseguimento, a **Vereadora Júlia Casamasso**, agradeceu a contribuição da convidada **Karol Cerqueira** e acrescentou que: “realmente é um desafio a gente pensar e desenvolver políticas públicas para as mulheres lésbicas na nossa cidade, como o colega Léo França bem comentou, aqui dentro desta casa, a gente, ainda enfrenta muito desafio. Quando nós apresentamos os PLs e queríamos de alguma forma colocar aqui para ser

votado, nós recebemos muitas negativas, então, é realmente um desafio não só pautar o problema, mas destrinchar e propor soluções. Ainda é tratado como não inadmissível isso, não carece de políticas públicas, isso não tem urgência, isso não acontece, então, tem vários outros problemas que a gente também enfrenta, porque quando a gente pauta a necessidade, por exemplo, de ter um atendimento especializado na saúde, principalmente, um atendimento ginecológico para mulheres lésbicas, o discurso é que nós estamos lutando para que tenha uma uma fila prioritária no SUS para atender mulheres lésbicas quando, na verdade, a gente tá incluindo as mulheres lésbicas a um atendimento ao qual a maior parte não tem acesso. Então, é realmente um desafio pautar e levar adiante políticas públicas para as mulheres e para as mulheres lésbicas. Muito obrigada pela sua fala!"

Em sequência, a palavra foi dada a **Beatriz Ohana** que contribuiu dizendo: "Boa noite, boa noite a todos, eu quero saudar este espaço, saudar o plenário, saudar a presença de todo mundo, a gente sabe que isso aqui que tá acontecendo é histórico, é inédito, na nossa cidade e, como a Vereadora Júlia já falou, eu sou atual representante do audiovisual no Conselho Municipal de Cultura e costumo frequentar muitas reuniões, muito muitos espaços de discussão aqui na cidade, geralmente, discussões relacionadas à pauta da cultura políticas públicas de Cultura políticas, pro audiovisual e muito me emociona ser convidada para um evento para falar sobre a minha vivência como mulher lésbica, falar sobre as nossas vivências, a nossa diversidade, enquanto mulheres lésbicas, então, é importante destacar, para quem não sabe, que realmente nunca aconteceu uma Audiência Pública com esse tema, embora já tenha acontecido a Audiência Pública com temas que envolvem a população LGBT nunca se teve uma discussão específica voltada para nossa população, para mulheres lésbicas e por que será, né Júlia, que isso nunca aconteceu? E por que será que estamos ainda tão invisíveis, tão invisibilizadas? Uma coisa que a gente precisa, e aí, Júlia começou a falar um pouco disso, na fala dela, é afirmar e, sempre, reafirmar é que o controle dos corpos das mulheres lésbicas é uma das principais formas de controle das mulheres dentro desse sistema patriarcal que a gente vive. E aí, vou começar a falar de patriarcado, machismo e misoginia no microfone eu sei que algumas coisas algumas temáticas e alguns termos desses assustam um pouco, mas se a gente não tocar nesses assuntos, a gente não vai conseguir avançar e a gente vai estar sempre chovendo no molhado. E é sobre isso mesmo, talvez, a gente nunca tenha tido uma Audiência Pública sobre as nossas vivências, porque nós estamos jogadas e rechaçadas num campo na sociedade onde somos vistas como aberrações, desvirtuadas, como monstruosas. E isso vindo de uma mulher lésbica branca, né? Quando a gente tá falando de mulheres pretas o caldo engrossa ainda mais, então, hoje, me pediram para falar um pouco sobre as experiência como mulher lésbica, no meu campo profissional,

mas sentando aqui nessa cadeira ao lado de tantas mulheres que eu admiro e respeito, a única coisa, que eu posso dizer, para não me repetir e falar coisas que muitas mulheres aqui já sabem, já passam, não só no cinema, mas em todos os setores, a única coisa, que eu posso dizer é que nós existimos e que a gente tá aqui hoje para dizer que a gente existe, porque se a gente não reafirmar isso todos os dias, se a gente continua invisibilizada dessa forma, a gente não existe também para as políticas públicas, a gente não existe pro planejamento, a gente não existe nas organizações sociais, na participação social, a gente não existe enquanto coletivo, então, eu quero dizer isso acima de tudo que, nós mulheres lésbicas que estamos aqui e as mulheres lésbicas da nossa cidade de vários recortes, classes sociais e religião, nós existimos! Isso é muito importante, e aí, a gente precisa avançar, Júlia, quando a gente fala de política pública para nós mulheres lésbicas, a gente precisa avançar para além da pauta LGBT, porque somos sempre incluídas em programas e sistemas, inclusive nacionais, que respaldam a vivência de pessoas lgbts, não temos políticas públicas criadas especificamente para nós mulheres lésbicas, não temos programas de saúde de emprego e renda e segurança para nós mulheres lésbicas, então, a gente precisa construir isso, como Júlia também dizia, como todas as mulheres lésbicas aqui presentes, sabem muito bem o que é uma consulta ginecológica e o médico não ter capacidade de lidar nem com a sua orientação sexual, nem com a sua especificidade para ISTs, não tem capacidade de lidar, com a sua consulta ali, para além da lógica reprodutiva, não existem programas, e isso é um assunto urgente, de saúde mental para mulheres lésbicas, não existem programas de emprego e renda para mulheres lésbicas, principalmente, lésbicas pretas e desfeminilizadas que a gente sabe que sofrem muito, mas muito mais preconceito, não existem programas políticas públicas e leis que atendam às questões relativas às violências, que nós mulheres lésbicas passamos, então aí, a gente está falando sobre o lesbocídio, sobre estupro corretivo, sobre denúncias de violência contra mulher das mais variadas, não existe não existem números, então, como Júlia bem disse, como se constrói política pública se não existem números? Diante disso, de fato a gente só pode reafirmar que a gente existe e a partir disso vamos se organizar, vamos entender como é que tá a nossa cidade de quem são quem são os coletivos da sociedade civil, o que a gente tem de participação social, quais são os equipamentos públicos que já lidam com as mulheres lésbicas e com essas pautas, então, a minha fala é também uma provocação, nesse sentido. A gente sabe o que é ser uma mulher lésbica e andar nessa cidade, como se a gente não existisse plenamente dentro da nossa sexualidade, dentro da nossa orientação sexual, das nossas especificidades de mulheres que amam mulheres. E aí, eu sinto muito, a gente, vai ser sempre esse rompimento dentro do sistema, a gente não tá aqui para agradar esse sistema patriarcal. Então, se a gente é jogada, rechaçada, nesse lugar de invisíveis e aberrações, nós estamos aqui para afirmar que não. Que a gente tem capacidade de se

organizar, que nós já somos muitas, que a gente tem já fomos inclusive candidatas a prefeita, nessa cidade, a gente tem capacidade para muito mais do que isso. E se a gente, hoje, tá fazendo essa discussão aqui inédita, na Câmara, é porque, pela primeira vez, a gente tem um mandato feminista, pela primeira vez a gente tem um mandato popular e, quem se compromete de fato com a vida das mulheres, tá comprometido com a vida das mulheres lésbicas, qualquer coisa para além disso é hipocrisia, qualquer coisa para além disso é falácia, então, por isso, eu quero muito agradecer esse espaço dizer que a partir desse encontro inédito, certamente, vamos construir muitas lutas coletivas juntos. Quero agradecer mais uma vez a Vereadora Júlia e agradecer o Mandato da Coletiva Feminista Popular não só por estar tocando nesse assunto e tocou de forma tão bonita e coletiva, em agosto, mas por nos lembrar todos os dias, inclusive, em setembro, outubro, novembro, dezembro, que as nossas vidas importam e a vida de todas as mulheres de Petrópolis importam!”

Novamente, de posse da palavra a **Vereadora Júlia Casamasso** diz:” Nossa, Bea! Muito obrigada pela sua fala. Eu falei sobre a dificuldade que é pautar e dar andamento no nosso trabalho legislativo pensando nas mulheres como um todo, mas a gente tá aqui, justamente, para isso, porque não faria sentido nenhum ter um mandato se não for, justamente, para pautar mulheres, para pautar mulheres lésbicas e para elaborar políticas públicas que contemplem as mulheres. Os Projetos de Leis que estão tramitando nós vamos fazer questão de votar eles sim, e aí, vote cada um com a sua consciência, mas aí a gente vai ser capaz de ter ali um retrato bem amplo do que temos aqui na nossa Câmara e o que de fato cada mandato defende. E como você bem disse, defender as mulheres é também defender as mulheres lésbicas. Muito obrigada, Bea!”

Com a palavra, a convidada, **Carla Magno**, contribui dizendo: “Boa noite a todas e a todos presentes! Eu quero falar, primeiro, que eu tô muito feliz de estar aqui compondo essa mesa. Seria a **Ester Guerra** que estaria aqui, mas ela teve um problema pessoal e não pôde estar, mas eu fico muito feliz de estar aqui, muito feliz da gente estar conseguindo realizar essa Audiência Pública. Eu queria começar minha fala saudando também a todas as mulheres que vieram antes da gente nessa luta na luta do movimento lésbico, porque são muitas que estão aí até hoje e construíram tudo que a gente consegue ver. O pouco que a gente consegue ver porque tem muita coisa, mas é invisibilizado, como todo mundo sabe, é graças a elas. E é uma luta, a luta do movimento Lésbico, uma luta assim fundamental para a luta do movimento feminista, justamente, porque como a Bea falou, a Júlia falou também, ela desafia as estruturas da nossa sociedade patriarcal e a gente tem que falar mesmo de patriarcado, tem que falar de heterossexualidade compulsória, porque se a gente não falar fica nisso. E eu gostei muito da Bea falando que a gente

precisa falar que a gente existe, porque ainda, infelizmente ainda, estamos nessa linha da existência. Eu queria falar um pouquinho mais sobre a heterossexualidade compulsória, porque o movimento lésbico ele é importante dentro do movimento feminista, justamente, por desafiar essas estruturas opressivas, a misoginia, o machismo, que fazem parte da sociedade, que estruturam essa sociedade. A heterossexualidade compulsória é justamente essa prática social que faz com que a gente acredite, tenda acreditar que nosso caminho é nos unirmos a homens, que o “certo”, a “prática natural” é o relacionamento entre homens e mulheres. Pra gente acreditar que o desejável para nós mulheres é nos unimos a homens. A heterossexualidade compulsória está entranhada na nossa cultura, a gente vê em todos os espaços, a gente vê na televisão, a gente vê no cinema, na literatura e, até hoje em dia, a gente vê um pouquinho, uns casais diferentes, um casal lésbico, casal gay tem mais do que casal lésbico né, na novela, nos livros, nem tanto assim, mas tem uma literatura específica, mas é sempre uma coisa específica, sempre, uma coisa é sempre a exceção. Nunca é natural. É sempre a aberração, a exceção e mesmo mesmo quando tem, na novela, um casal lésbico, quando tem na novela um casal de mulheres bissexuais, enfim, quando tem esse tipo de relação são relações, em geral, heteronormativas, nas quais sempre tem uma mulher ocupando um papel da mulher e uma mulher ocupando o papel do homem na sociedade. Os casais são sempre bem padrão, bem dentro do padrão do que a gente vivencia e experiência das relações. É difícil ver outro tipo de relação que não é relação heteronormativa. Vou trazer aqui mais um pouquinho de alguns dados de um mapeamento que foi feito em parceria com a da liga Brasileira de lésbicas com a Associação Lésbica Feminista de Brasília no ano passado 77% das mulheres lésbicas têm conhecidas que já sofreram algum tipo de violência, simplesmente, por serem lésbicas. 79 por já sofreram algum tipo de lesbofobia e 6%, pelo menos, tem alguma conhecida que morreu por ser lésbica. A heterossexualidade compulsória ela reforça essa ideia que a gente deve ser tolerante com a violência contra as mulheres que é naturalizada na nossa sociedade, que a gente deve amar homens a qualquer custo como se isso fosse o nosso, entre muitas aspas, destino natural. E nesse contexto eu sempre fico me perguntando até que ponto a gente tem que aguentar? quantas violências a gente tem que aguentar para reagir? falta muito organização, porque as mulheres são oprimidas na sociedade, violências pequenas violências diárias que a gente sofre. “Ah mas isso vocês já estão acostumadas”. E aí essas violências vão se acumulando. Só é considerado violência quando é um estupro, quando é um assassinato. O movimento lésbico é tão importante justamente por lutar pela autonomia das mulheres enfatizando nossa perspectiva de que a gente pode se relacionar com quem a gente quiser com quem a gente desejar, sem nos submetermos aos papéis sociais que nos são impostos. E é por isso que a luta das mulheres lésbicas é uma luta de todas as mulheres, porque como a Bea falou a gente tá nesse



lugar de não nos relacionarmos com homens e, aí nisso, eu faço até uma diferenciação entre as mulheres bissexuais também, porque as mulheres lésbicas estão ainda mais a margem desse grupo. A gente precisa lutar pelos nossos espaços especificamente, porque a gente tá sempre incluído na pauta LGBT e tudo bem faz parte é um grupo mais amplo que tem direitos, que luta por direitos semelhantes, muitos direitos iguais, mas temos as nossas pautas individuais, os nossos problemas que são muitos. As mulheres lésbicas estão totalmente à margem da sociedade, justamente, por não se relacionarem com homens por recusarem esse tipo de relação, claro que a gente tem amigos, mas é diferente. A gente não tem essa proximidade toda e de depender de homens, então, por isso o movimento lésbico é tão importante, por essa autonomia, por essa luta que é uma luta de todas nós e, na coletiva, como a Júlia falou, a gente tem muitas mulheres lésbicas e bissexuais e quando a gente assumiu, como ela falou também a gente percebeu que era um cenário totalmente inóspito para políticas públicas para mulheres lésbicas como na maioria dos lugares. Então, esse cenário de ausência de políticas públicas que pensem em nós mulheres lésbicas como é um grupo que tem as próprias vulnerabilidades né eh e aí a gente tá muito feliz eu falo por mim e por todas nós de ter esse mandato hoje né que essa ferramenta que que pode promover essa discussão a nível e aprofundar essa discussão e falar das Mulheres lésbicas sempre que a gente pode, é um compromisso nosso essa pauta dentro da frente feminista do mandato e do nosso gabinete. Eu acho importante reforçar, aí voltando a que todo mundo falou, mas eu acho que a gente tem que falar mesmo pela nossa existência que é um compromisso não só de criar políticas públicas para as mulheres lésbicas, mas de incentivar e lutar e deixar um legado de organização. Organização de luta, organização das mulheres, cadê as mulheres lésbicas de Petrópolis? A gente tá aqui nessa audiência pública muitos presentes ainda bem alguns, mas gostaria de ver mais mulheres lésbicas aqui, eu sei que tem muitas na cidade a gente vive no meio, conhece. Cadê essas mulheres pra gente se organizar e fazer essa luta porque luta por vida e dignidade é diária.”

A Sra. **Natalia Kleinsorgen** disse: “Eu vim aqui para afirmar a importância da auto-organização de mulheres lésbicas, entendendo que é bem como as mulheres anteriormente colocaram, nós temos especificidades nas nossas vivências, nas nossas histórias que precisam ser consideradas quando a gente fala de política pública, e considerando que estamos em todos os lugares quer queiram, quer não queiram, a gente está nos lugares, mas é muito difícil enquanto a gente está nesses lugares a gente se colocar enquanto sapatonas, enquanto lésbicas, enquanto mulheres que amamos mulheres. Geralmente a gente tá nesses espaços, mas tá nesses espaços representando outras lutas, outras pautas, dificilmente, raramente a gente tá nos espaços para representar a luta das mulheres lésbicas. É muito curioso porque em vários movimentos

sociais a gente levanta a bandeira da importância de espaço organizados dentro das instituições. Então é importante que pessoas negras se auto organizem dentro de mandatos, de igrejas, de escolas, para que pautem as suas lutas é importante que as pessoas LGBT se reúnam, as mulheres se reúnam cada uma né para falar das suas histórias e a gente raramente debate e a importância de sapatonas de mulheres lésbicas caminhoneiras se reunirem para debater as suas especificações. O que nos define é o fato de que nós somos mulheres amando mulheres. Nós não somos monstros. Nós somos um erro do patriarcado, nós demos errado e a gente falhou pra sociedade. Que a gente vive e a gente falhou e a gente não só falhou como todas as outras pessoas da sigla LGBT. A gente sabe que vive numa sociedade em que todas as pessoas foram criadas para amar homens, os homens admiram os homens, os homens consideram os homens, os homens abraçam os homens e defendem homens, inclusive aqueles que eles nunca viram. Nós também fomos criadas para amar homens, admirar homens , e se me perguntasse sei lá, há 15 anos atrás, me diz uma pessoa que você adora ler, provavelmente eu diria um homem, um diretor de cinema que você adora, provavelmente eu diria um homem quem é a pessoa que você tem maior estima com relação à amizade eu diria um homem mesmo amando mulheres, porque ainda que a gente ame mulheres sexualmente afetivamente, nossas relações interpessoais a heterossexualidade ela é tão amarrada e tão estruturante na sociedade. Enquanto esse regime político que nos cria para ter os filhos dos homens, que todos os nossos outros afetos provavelmente são girados para homens. É preciso que exista um resgate da história e da memória das mulheres lésbicas pra gente saber o que a gente vai fazer com as mulheres lésbicas que estão vivendo hoje e com as mulheres lésbicas com as jovens que estão se criando hoje para serem sapatonas amanhã, como que a gente tá olhando para essas meninas, que já são dissidentes de gênero, que já não se enquadram nos padrões porque foram criadas para amamentar suas bonecas vai gostar de rosa e de saia e de glitter e não gostam. Como essas meninas estão sendo tratadas? E aí a gente precisa aprender a ouvir de verdade as lésbicas, ouvir as sapatonas antigas sobre como foi a infância delas, como foi a adolescência delas. E é importante rever o nosso papel e os papéis que a gente tá reproduzindo dentro dos espaços. Que eles sejam ferramentas, que não sejam o fim porque essas instituições são forjadas pelos homens para manutenção do poder masculino e não é isso que a gente quer. Até que ponto a gente pode e deve gastar todas as nossas energias somente em espaços institucionalizados? Limadas e proibidas de tentar forjar um futuro onde a gente não precise de homens representando a gente? De homens dizendo onde a gente tem que falar, como a gente tem que falar?. Eu acredito muito no poder da força na organização das mulheres lésbicas para as mulheres lésbicas e eu acho que é isso que precisa orientar as nossas políticas. Viva as sapatão!”

Em seguida, a **Vereadora Júlia Casamasso**, abriu o espaço para perguntas do público e respostas da mesa.

Por fim, a **Vereadora Júlia Casamasso** encerrou a Audiência Pública. Eu Débora Vitória Albino Pena, Assistente de Apoio às Comissões, assinei e digitei esta Ata.



Júlia Casamasso  
Vereadora

---

Vereadora Júlia Casamasso  
Presidente da Comissão dos Direitos da Mulher

Débora Pena  
Assistente de Apoio às Comissões  
Mat. 1830.086/23



---

Débora Vitória Albino Pena  
Assistente de Apoio às Comissões